



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e  
Esporte (Cuca)**

**Fortaleza - CE, 10 de setembro de 2009**

Bem, se vocês me permitirem, eu vou tentar ser breve porque eu ainda tenho que ir para Pernambuco hoje à noite. Nós não tivemos tempo de almoçar hoje, mas como eu tenho bastante reserva, eu posso aguentar ficar um dia sem comer.

Eu queria cumprimentar o governador Cid Gomes,

Cumprimentar a Prefeita,

E cumprimentando os dois, faz de conta que eu cumprimentei todos os companheiros da mesa, porque eu quero ser um pouco rápido, sem perder a educação e sem falar o essencial [e falar o essencial].

Primeiro, eu queria dizer às mulheres que estão segurando essa placa aí “Lei Maria da Penha” que eu confesso a vocês: não vejo hipótese de alguém tentar acabar com uma Lei que dá segurança à mulher brasileira, tão espezinhada a vida inteira. Eu acho improvável, e se tentarem vocês juntem as mulheres e vão lá dar a lição que nós políticos precisamos tomar, de vez em quando, da sociedade brasileira. Muitas vezes, eu só quero que vocês sejam, em público, aquilo que vocês são em casa, porque em casa eu sinto que as mulheres têm um poder de fogo extraordinário e precisam exercitar esse poder de fogo na luta política.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que, minha querida prefeita Luizianne... eu não vou contar a história do tchó, não, Juca, não vou contar. Eu sonhei em criar uma coisa chamada Casa de Cultura, e certamente eu prometi isso aqui em Fortaleza na campanha de 2002, certamente eu prometi em todas as capitais, porque eu sonhava em criar uma Casa de



Cultura, sobretudo nas capitais, mas várias Casas de Cultura, que era [seriam] um ponto de segurança e ao mesmo tempo um ponto de oportunidade para a juventude brasileira. Porque a cada vez que eu via um jovem de 24 anos, 20 anos... a gente não vê mais ninguém de 50 anos, 60 anos, 45. Quem está sendo presa é a juventude brasileira, jovens de 18, 19, 20, 24, 30 anos. Agora, por que eles são presos? Porque cometeram um delito. Por que eles cometeram um delito? O que aconteceu com esses jovens quando eles tinham 15 anos, 16, 17, 18, 19, que eles precisavam da figura do Estado e o Estado não existia para esses jovens? Não existia a prefeitura, não existia o governo estadual, não existia o governo federal. O que existia é que quando tinha um problema qualquer, a polícia invadia os lugares mais pobres, às vezes batia em inocentes e não batia nos culpados. Era [Foi] esse o tratamento que a juventude brasileira recebeu durante décadas, neste país.

E nós precisamos aprender. Por isso, criamos o Pronasci, por isso estamos fazendo policiamento nos bairros, com um policial ligado quase umbilicalmente ao pessoal local. Por isso criamos as Mães da Paz, que é para poder tentar recuperar o jovem antes de prendê-lo; por isso criamos um sistema prisional que visa a recuperar o jovem e não a condená-lo a [ficar a] vida inteira trancafiado em uma Febem, como a gente vê todos os dias na televisão brasileira.

Pois bem. Então, eu pensei em criar a Casa da Cultura. No primeiro ano, a gente recebeu dinheiro para fazer cinquenta. Mas a gente queria fazer um projeto igual aquele projeto do Sarah Kubitschek, aquelas fábricas de pré-moldados. E aí nós fomos descobrir que o Sarah Kubitschek não permitia - o Lelé, me parece, sobretudo - não tinha autorização para fazer aqueles projetos, a não ser para o Sarah Kubitschek. E nós, então, ficamos um ano e meio, dois anos tentando, até que nós resolvemos, para não perder tempo, criar os Pontos de Cultura.



Mas, talvez a Casa de Cultura que eu imaginasse não tivesse uma piscina semi-olímpica, talvez não tivesse essa coisa extraordinária que eu estou vendo aqui. Mas, certamente, seria... e nós ainda vamos fazer, em algum momento, neste país.

Mas eu queria dizer, Luizianne, que eu estou me sentindo aqui... eu não sei se você sabe como é que sente um pai ou uma mãe quando vai batizar um filho pequenininho, e chega um fotógrafo, ou na formação da filha, ou na Primeira Comunhão, e chega um cara tirando fotografia, ninguém conhece o cara, bate fotografia, bate fotografia e depois pergunta se a pessoa quer o álbum. A pessoa fala: “Não quero, não quero”, e já chama, de cara, o fotógrafo de chato. Mas o fotógrafo, teimoso que é, entrega um cartão para a pessoa de quem ele tirou a fotografia. Passada uma semana, normalmente na segunda-feira, bate palmas na casa da gente: é o fotógrafo. Aí ele abre descaradamente o álbum de fotografias que ele fez e está lá o menininho rindo, o menininho chorando. E o fotógrafo: “Está vendo como ele está bonito, está maravilhoso, a senhora vai ficar com o álbum?” A mãe fala: “Eu vou ficar com o álbum”. E compra o álbum que ela achava que não ia comprar.

Pois bem, a pergunta que eu faço a mim, agora, é que este Cuca é o álbum de fotografias que eu estou vendo agora. Vejam, por quê? Porque eu acho que quando você ouve falar, é uma coisa. Quando alguém te apresenta uma coisa por escrito, é outra coisa. Não há uma interação entre a sensibilidade que você tem olhando, e a sensibilidade que você tem lendo. Eu acho, e o Juca me dizia agora há pouco: “Presidente, a partir do Cuca, nunca mais o senhor vai contar a história do tchó”, porque agora a cultura está ganhando uma nova dimensão, porque isso aqui vai passar, senão na grandeza e na dimensão deste aqui, vai passar a ser um paradigma para a gente fazer outras coisas neste país.

Bem, há uma coisa... e você já pode batalhar com o Juca para que no orçamento seja colocado o dinheiro, um pouquinho nosso, um pouquinho do



Cid, um pouquinho de emenda parlamentar, e daqui a pouco você estará com dinheiro para fazer... não, daqui a pouco você está com dinheiro para fazer, nos últimos três anos, o que você não conseguiu fazer nos primeiros quatro anos de mandato.

Dito isso, eu queria dizer para vocês que a questão cultural mudou de patamar no Brasil. O companheiro Juca já era secretário executivo do ministro Gilberto Gil quando a gente começou a comprar as brigas que tinha que comprar para que a gente pudesse transformar a cultura em um bem e em um direito da sociedade brasileira. A cultura não pode ficar restrita a quem pode pagar um teatro, a quem pode pagar um cinema, a quem pode fazer uma viagem e ver um concerto. A cultura tem que ser um bem que seja acessível a toda e qualquer pessoa, independentemente da origem social. Obviamente que tem os artistas que fazem os seus shows, que cobram preços que, muitas vezes, uma pessoa com [sem] poder aquisitivo não pode ir. Mas cabe ao Poder Público, assim como ele tem que garantir educação e saúde, cabe a ele também garantir a cultura ao povo brasileiro, porque o povo não quer apenas comer, o povo não quer apenas trabalhar. É preciso que a gente crie condições para as pessoas se sentirem bem no lugar em que elas moram, na cidade. As pessoas comecem a gostar das coisas que o Poder Público, com o dinheiro dele, faz para elas.

Agora, vejam qual é o problema que nós temos. Um projeto magnífico como este é de causar inveja a qualquer projeto, a qualquer centro cultural em qualquer lugar do mundo. O Juca pode dizer isso. Você falou da América Latina. Eu não sei em quantos países foi feita uma coisa tão bonita, tão bem pensada como foi feito esse Cuca que você está fazendo aqui.

Pois bem. Agora, é preciso que a gente tenha o seguinte cuidado: os prefeitos mudam, mas as políticas têm que continuar. Os prefeitos mudam, e se entra um prefeito que não gosta disto aqui, e se não tem organização da sociedade para tomar conta disto aqui, daqui a dez ou quinze anos a gente



passa aqui e fala: “Isso aqui era um Cuca que foi pensado para garantir ao povo de Fortaleza e deste bairro uma intensa atividade cultural, além de um intenso aprendizado profissional.” Então, esse é um trabalho que vocês têm que fazer.

E para isso, nós estamos cuidando do principal. Qual é o principal? É pagar uma dívida histórica que tem com o povo brasileiro, que é a questão da educação. A questão da educação é o pilar para que a gente possa fazer o Brasil mudar de patamar, para que a gente possa levar o Brasil a ter um padrão de vida de países altamente desenvolvidos. Por isso nós escolhemos a educação como nossa prioridade.

E vejam uma coisa: nós mandamos, na semana passada, o marco regulatório do pré-sal para o Congresso Nacional. E lá está escrito que nós vamos criar um Fundo. O regime de petróleo não será mais o de concessão, em que a empresa paga uma determinada quantia e fica dona do óleo. Agora, não. Agora o óleo é da União. Portanto, é do povo brasileiro. E nós é que vamos pagar um determinado percentual para a empresa privada que for explorar. O restante é da União.

Agora, o que nós pensamos? Se o restante é da União, nós não podemos permitir que, de forma irresponsável, o governo possa utilizar o pré-sal para fazer qualquer coisa, gastar dinheiro, jogar dinheiro fora, sem a gente se preocupar em cuidar do futuro deste país.

O que nós fizemos? Nós vamos criar um Fundo, esse Fundo será gerenciado pelo governo e pela sociedade civil. Esse Fundo será utilizado para algumas prioridades deste país. A primeira delas, inegavelmente, é a questão da educação, para a gente tirar o atraso de cem anos a que este país foi submetido. A segunda coisa grave que nós queremos resolver é o problema da ciência e tecnologia. Este país precisa ter mais investimentos. Vocês sabem por que a Petrobras encontrou o pré-sal? Ela encontrou o pré-sal porque nós elevamos os estudos, ou melhor, nós elevamos o dinheiro de pesquisa da



Petrobras, de R\$ 167 milhões por ano, para R\$ 960 milhões por ano. Então, nós fizemos investimentos. Então, nós fizemos investimentos. E ciência e a tecnologia é a possibilidade que o Brasil tem de virar um país exportador, não de soja, de minério de ferro ou só de avião, mas exportar inteligência, exportar conhecimento do povo brasileiro, que é o que vai elevar o Brasil à condição de potência econômica e potência tecnológica.

Também colocamos, além da educação, além da questão da saúde, ou melhor, além da questão da educação e da cultura, nós colocamos o combate à pobreza neste país, colocamos a questão ambiental e, a pedido do ministro Juca, nós colocamos que este Fundo vai também cuidar da questão cultural, porque a questão cultural tem uma outra coisa mais importante: ela forma ideologicamente e politicamente uma sociedade ou uma parcela da sociedade. Por isso, é extremamente importante.

Eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: nós não vamos conseguir pagar a dívida que o Estado brasileiro tem com a sociedade brasileira em oito anos, nem em dez anos, nem em quinze anos. Quem sabe, vai levar uma geração para que a gente possa pagar parte da dívida que a gente tem com a sociedade brasileira, sobretudo com a juventude brasileira.

Vejam que nós estamos fazendo aqui no Ceará, falta ser aprovado no Senado, me parece, uma universidade federal na cidade de Redenção, que é para a gente fazer uma universidade dos países de língua portuguesa, sobretudo para pagar parte da dívida que o Brasil tem com o povo africano, pelos tantos séculos que nós aqui o escravizamos e o exploramos. Nós não vamos pagar em dinheiro, nós vamos pagar em solidariedade. Nós queremos formar aqui metade brasileiros e metade africanos, mas nós queremos formar gente para que seja médico, para que seja engenheiro, para que seja agrônomo, para que sejam pessoas formadas para ajudar a desenvolver o território africano e os países de língua portuguesa.



Mas prestem atenção em uma coisa: este moço que está aqui, o ministro da Educação, nós já fizemos doze universidades novas e tem mais quatro para serem aprovadas no Congresso Nacional. Nós já fizemos 104 extensões universitárias, e todas elas terão que ser inauguradas até dia 31 de dezembro de 2010. Nós criamos o ProJovem para atender 4,5 milhões de jovens de 15 a 29 anos que deixaram a escola e agora nós estamos trazendo de volta, pagando uma ajuda financeira para que esses jovens voltem a estudar e aprendam uma profissão. Nós criamos o ProUni, que já colocou na universidade 545 mil jovens da periferia deste país, todos estudantes de escolas públicas. E mais ainda, nós acabamos de dobrar este ano, com o Reuni, nós acabamos de dobrar o número de estudantes que renovam na universidade federal deste país. Eram 113 mil estudantes que renovam todo ano e este ano já foram 227 mil jovens.

O Nordeste brasileiro nunca teve tantos doutores como tem agora, nunca teve tanto mestres como tem agora. O Ministro de Ciência e Tecnologia, pela primeira vez, construiu um programa da sociedade, aprovado por unanimidade pela SBPC, e esse programa tem R\$ 41 bilhões para serem gastos até 2010. Nós fizemos o PAC da Embrapa para permitir que os trabalhadores rurais deste país tenham assistência técnica. E quanto mais as pessoas evoluírem, mais as pessoas vão querer ter acesso à cultura.

Portanto, minha querida companheira Prefeita de Fortaleza, eu acho que hoje você deu uma lição de uma coisa que o Joãozinho Trinta disse em 1978, quando ele era carnavalesco da Beija-Flor. Os intelectuais começaram a fazer críticas de que a Beija-Flor era uma escola muito luxuosa, gastava muito dinheiro nas fantasias, que eram deslumbrantes. E ele falou uma coisa: “Quem gosta de miséria é intelectual, pobre gosta de luxo, pobre gosta de coisa importante”.

Eu estou vendo que as instalações são instalações que atenderão os interesses dos jovens mais pobres daqui desta região, mas atenderão também



os interesses dos jovens mais ricos deste estado, porque a qualidade aqui é incomparavelmente extraordinária, e eu acho que as pessoas vão se sentir bem. Nem a poltrona do cinema do Palácio da Alvorada é tão confortável como a poltrona deste Cuca aqui.

A segunda lição que nós temos que ter é que muitas vezes o barato fica caro. Se a gente faz uma obra tentando economizar dinheiro naquilo que é essencial, daqui a dois ou a três anos as coisas já estão estragadas e já não valem mais nada. E nós, quando fazemos uma coisa boa, ela dura para sempre. Essa lição, a gente tem na casa da gente.

Agora eu queria fazer um apelo à juventude que está aqui, aos pais dos jovens que estão aqui. Isso aqui só vai dar certo se a juventude assumir responsabilmente a administração e o gerenciamento disto aqui. Porque aqui não precisa ter policial fardado para andar aqui dentro, aqui tem que ter jovens responsáveis, tem que ter responsável por cada coisa, por cada área, a gente cobrar deles na hora que as coisas derem erradas, até que eles assumam as responsabilidades e digam: “Isso aqui é meu e eu vou cuidar disto aqui como eu cuido da minha casa, como eu cuido da minha família, como eu cuido do meu quintal.” Somente assim é que essas coisas vão dar certo.

Portanto, eu quero terminar dizendo, querida Prefeita, dizendo a você uma coisa que eu acho extraordinária: eu acho que você mudou definitivamente, na minha cabeça, na cabeça do Juca, eu acho que na cabeça do Cid e na cabeça de todo mundo, os investimentos e a qualidade da cultura que nós precisamos ter neste país.

Um grande abraço. Parabéns, Prefeita, e vamos ver se você consegue inaugurar os outros Cuca's no seu mandato.

Um abraço, gente.

(\$211A)





**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---